Reagrupamento Revolucionário

rr4i.org [Nº 14] rr-4i@krutt.org

ELEMENTOS PARA ANÁLISE DE CONJUNTURA NA AMÉRICA LATINA

A sobrevida da conciliação de classes e a expansão do Estado policial

Dezembro de 2021

O seguinte documento foi originalmente escrito em meados de 2021 por uma então companheira do Reagrupamento Revolucionário, como contribuição ao debate interno sobre a conjuntura internacional. Decidimos posteriormente publicá-lo, realizando algumas pequenas correções e modificações como fruto do debate que se seguiu à apresentação do texto.

Esse texto não tem a pretensão de apresentar uma análise mais elaborada sobre a situação política do nosso subcontinente, mas tão somente apontar alguns elementos que permitam, num futuro breve, a construção coletiva de uma compreensão mais precisa do quadro político, econômico e social latino-americano. Dessa maneira, o que é apresentado a seguir são apenas apontamentos gerais da situação política na América Latina, com destaque aos países nos quais a luta de classes se apresenta, neste momento, de forma mais aguda.

Os efeitos da pandemia da COVID-19 aceleraram a tríplice crise pela qual passam os países latino-americanos. Essa crise que tem como aparência imediata a queda dos preços das commodities, tais como o petróleo, os minérios, a soja, a carne, etc., na verdade, trata-se de uma crise de mudança estrutural cujo principal elemento é o rebaixamento das maiores economias latino-americanas na divisão internacional do trabalho. O transcurso de desindustrialização dos centros operários na Argentina e no Brasil, com fechamentos de fábricas ou redução de efetivo, assim como o aumento da concorrência desses dois países com os demais países latino-americanos para exportar bens primários, em especial para a China, são as principais expressões desse rebaixamento.

No âmbito social, esse aprofundamento do caráter dependente do capitalismo na América Latina se desdobra como o aumento brutal da superexploração do trabalho, uma vez que para compensar suas desvantagens no mercado mundial, a burguesia interna retira da classe trabalhadora as condições mais elementares para a reprodução de sua força de trabalho, seja por meio do rebaixamento dos salários, do aumento da jornada de trabalho ou ainda pela combinação de ambas as situações

Continua na p. 4

EDITORIAL

O número anterior da revista do **Reagrupamento Revolucionário** foi publicado em 2019. Durante esse período de pandemia, optamos por não produzir uma nova edição devido à redução das atividades presenciais. Não obstante, estivemos presentes em mobilizações ao longo desse período e também realizamos diversas atividades *online*.

Foi o caso das lutas da **educação** contra a reabertura insegura das escolas e por melhores condições de trabalho, nas quais atuamos através do **Coletivo Educação Socialista.** O Coletivo foi criado no começo deste ano, como forma de articular e organizar nossa atuação no setor de educação, junto a companheiro/as independentes que tenham acordo com a linha geral do grupo, expressa na ***Carta de Princípios*** que publicamos nesta edição. Para conhecer melhor o Coletivo, sugerimos seguir a página de **Facebook** e acompanhar a publicação dos ***Boletins Educação Socialista***: https://tinyurl.com/FB-CES.

Também estivemos presentes nas manifestações **"Fora Bolsonaro"** deste ano, defendendo uma perspectiva que vai na contramão do que apresentam as principais organizações da esquerda hoje: de que devemos ter uma linha de independência de classe e combatividade baseada no principal método de luta dos trabalhadores, as greves, ao invés de apostarmos nossas fichas nas instituições da classe dominante, como a justiça, o parlamento e as eleições.

A maior parte da esquerda, incluindo aí os que se reivindicam socialistas, ao invés, tem apostado sobretudo em pressionar o STF a agir contra Bolsonaro, vibrou com a "CPI da Pandemia" e acredita que elegendo novamente Lula e o PT para a presidência conseguirá conter a extrema-direita e reverter a devastação dos direitos e condições de vida dos trabalhadores. Mesmo reconhecendo que o PT tem agido sistematicamente para sabotar as lutas contra Bolsonaro e contra a devastação das condições de vida dos trabalhadores, pois precisa mostrar à classe dominante que não representa uma ameaça à ordem, a esquerda socialista está quase toda já embarcada no apoio à reeleição de Lula em 2022, em um flagrante capitulação à "ala esquerda" do Partido da Ordem.

Nós, ao invés, denunciamos desde já que um novo governo do PT nada fará para acabar com o desemprego em massa e reverter as contrarreformas que tem destruído os direitos trabalhistas e os serviços públicos, pois a classe dominante, a quem o PT serve, segue incapaz de recuperar suas margens de lucro prévias à crise de 2008 e, assim, segue exigindo mais "austeridade". Ao contrário, o PT, mesmo sob o governo Bolsonaro, tem atuado em vários momentos para dar sustento aos planos de "austeridade", seja sabotando as mobilizações, ou diretamente, ao votar a favor de certas medidas – lembremos do apoio ao "orçamento secreto", com o qual Bolsonaro mantém a aliança com o "centrão", do apoio dos governadores petistas à destruição de previdência, do apoio à Rodrigo Maia na presidência da Câmara e a David Alcolumbre no Senado, das alianças eleitorais com bolsonaristas em vários municípios em 2020 etc. Um novo governo petista será, inevitavelmente, um governo de mais "austericídio", combinado à retenção das lutas populares e proletárias e, por isso, não devemos dar nenhum apoio eleitoral a Lula e ao PT.

Argumentos de que Bolsonaro é "fascista" ou de que há um golpe militar sendo preparado não passam de fumaça propagandista para atrair votos ao PT, o mesmo que tem ajudado a sustentar Bolsonaro no poder e que já faz aliança com o golpistas de ontem. Se Bolsonaro fosse de fato chefe de um movimento fascista, colocar Lula na presidência não afetaria em nada a existência desse movimento, que precisa ser esmagado pela ação do proletariado, através de órgãos de autodefesa, greves e manifestações. Da mesma forma, se Bolsonaro tentar uma aventura golpista (o que nos parece uma possibilidade remota na atual correlação de forças), será apenas através da mobilização da classe trabalhadora que ela poderá ser derrotada. O regime atual é o mesmo que permitiu o golpe institucional contra Dilma (na verdade, se encontra ainda mais fechado e blindado do que em 2016), de forma que não é por dentro dele, ainda mais pela via eleitoral, que poderemos deter novas ameaças.

Nº 14 - 2º Semestre de 2021

Reagrupamento Revolucionário

Site: rr4i.org
Email: rr-4i@krutt.org
Facebook: facebook.com/reagrupamento
Twitter: @rr_4i

Publicamos aqui os ***panfletos*** que levamos para as manifestações "Fora Bolsonaro", onde fizemos um contraponto a essas ilusões de que é possível reverter o cenário atual sem se confrontar diretamente contra o Estado dos patrões, banqueiros, latifundiários e agentes do imperialismo. Publicamos, também, uma breve avaliação das ameaças golpistas de Bolsonaro no mês de setembro. Em nosso site, estão disponíveis ainda textos anteriores, sobre as capitulações da esquerda socialista à ordem burguesa e à colaboração de classes durantes as eleições municipais (veja nossa declaração sobre a "Frente Ampla" de Boulos/PSOL em São Paulo: https://tinyurl.com/RR-BOULOS) e sobre a necessidade de uma linha de confronto de classes para proteger as vidas e empregos durante a pandemia, algo que se fez ausente na atuação de boa parte da esquerda que se diz socialista, mas que não levantou um programa que de fato colocasse as vidas acima dos lucros (https://tinyurl.com/RR-COVID)

Durante esse último período, fizemos ainda uma série de atividades de **formação política** e análise de conjuntura. Algumas delas, feitas na forma de *lives,* podem ser acessadas em nosso canal de **YouTube**: https://tinyurl.com/YT-RR.

Outras envolveram a publicação de materiais sobre temas-chave do momento, como a análise da conjuntura internacional da **América Latina** que publicamos aqui, debatendo o novo ciclo de governos de colaboração de classes (em condições econômicas muito menos favoráveis às suas políticas redistributivas) e o recrudescimento repressivo de alguns regimes da região. Também nesta edição há uma análise da situação atual em **Cuba** e dos riscos de uma contrarrevolução burguesa que pairam sobre a ilha, um texto sobre um dos maiores riscos à sobrevivência da humanidade no momento, que é a **crise climática**, para a qual não há saída nos marcos do capitalismo, e uma declaração sobre o mais recente massacre do povo palestino.

Em nosso site, outros materiais podem ser acessados, como a declaração em defesa do prisioneiro político Mumia Abu Jamal (https://tinyurl.com/RR-MUMIA) e também sobre a revolta da população negra dos EUA contra a violência policial (https://tinyurl.com/RR-EUA) e sobre a recente onda de revoltas populares na América Latina, com destaque para o Chile (https://tinyurl.com/RR-REVOLTAS). Elementos que desmentem a tese de que vivemos um momento de completo recuo e incapacidade de luta dos trabalhadores e, ao invés, reforça a tese de que as condições objetivas para a luta proletária pelo poder estão dadas, mas que a ausência de lideranças revolucionárias tem cobrado um grave preço para o rumo das mobilizações em curso.

Publicamos, ainda, um livreto sobre ***O que é e para aonde vai a China*****,** tema central para os marxistas na atualidade, o qual pode ser acessado gratuitamente em: https://tinyurl.com/RR-CHINA. Para nós, a China é um **Estado operário burocratizado**, que ainda preserva muitos ganhos sociais da revolução de 1949, que é tarefa de todo socialista defender de forma intransigente contra qualquer tentativa de contrarrevolução. Ao mesmo tempo, acreditamos que o regime de ditadura da burocracia, encabeçado pelo PC chinês, só pode levar à contrarrevolução no longo prazo, ao afastar os trabalhadores do controle político e dar cada vez mais espaço ao retorno de uma poderosa burguesia nativa e à reintegração com o mercado mundial – o mesmo processo que culminou na destruição da URSS e do bloco soviético no Leste Europeu ao final do século passado –, de forma que é fundamental a remoção do poder dessa burocracia, através de uma revolução política do proletariado chinês, que estabeleça um regime de democracia proletária e aposte no internacionalismo revolucionário como forma de completar a transição ao socialismo.

Outro ponto de destaque nesse último período foi o estabelecimento de relações fraternas com o **grupo Bolchevique-Leninista da Austrália**, cujo manifesto programático, que ajudamos a construir, pode ser acessado aqui: https://tinyurl.com/RR-BL. Acreditamos que é fundamental a construção de laços internacionais rumo a reconstrução de uma organização internacional socialista revolucionária, e para nós as relações com o BL australiano são um grande salto nesse sentido. E também a publicação do nosso próprio **Manifesto Programático**, que é fruto de muito debate coletivo interno e do amadurecimento a partir de experiências práticas, sendo um esforço de síntese do que encaramos ser posições fundamentais para o socialismo revolucionário no século XXI: https://tinyurl.com/RR-MANIFESTO.

Que 2022 seja um ano de muitas lutas e vitórias para a classe trabalhadora ao redor do globo!

Socialismo ou barbárie!

LIVRETO NOVO, DiSPONÍVEL EM NOSSO SITE OU COM NOSSOS MILITANTES!

Continuação da p. 1 mediante a desregulamentação do trabalho formal e a expansão de subempregos.

Em termos políticos, a desestabilização da classe operária, a expansão da classe trabalhadora em empregos precarizados e a proletarização de parte da pequena burguesia levaram às situações explosivas, com tempos desiguais entre os países do subcontinente, no final do século XX e na primeira década do século XXI.

Frente a isso e, na ausência de uma direção revolucionária, o capital conseguiu controlar essas revoltas por meio da combinação de duas políticas: a ascensão de governos de conciliação de classes e a criação ou aprofundamento do caráter policial de alguns Estados. Ocorre, no entanto, que no início dessa segunda década do século XXI, essas duas políticas enfrentaram desgastes nos países em que foram aplicadas, razão pela qual se alternam no bloco do poder do Estado quando possível e necessário.

Por um lado, no caso do Chile, do México e do Peru, países que sofreram significativo endurecimento do aparato repressivo nas décadas anteriores, mas que nesse momento ou são governados por governos que se propõem à conciliação de classes (México e Peru) ou tem perspectiva de sê-lo (Chile). Por outro lado, verifica-se um acelerado endurecimento do regime democrático burguês em países governados pela direita tradicional (Colômbia) e em países nos quais os projetos de conciliação de classes governaram em anos recentes (Brasil, Equador e El Salvador) ou ainda governam (Venezuela e Nicarágua).

Em ambas as situações, o que se evidencia é uma profunda instabilidade no domínio burguês por meio da política de reação democrática adotada após o fim das guerrilhas centro-americanas e do transcurso de redemocratização na América do Sul, no final dos anos de 1980.

A sobrevivência dos governos de conciliação de classes

A chegada de Andrés Manuel López Obrador à presidência do México, em 2018, e a recente vitória de Pedro Castillo, no Peru, bem como a possível vitória do candidato da "centro-esquerda democrática" para a presidência do Chile, desmistificam a caracterização de uma parte da esquerda e mesmo dos analistas burgueses a respeito de um suposto fim dos governos de conciliação de classes, caracterização essa que teve como base a queda do Governo Dilma, no Brasil, em 2016, a derrota do kirchnerismo, na Argentina em 2015 e a derrota da Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN), em 2019, em El Salvador.

No México, a ascensão da Frente Popular foi apoiada, diretamente, pelo próprio imperialismo estadunidense, preocupado, sobretudo, com o crescimento das revoltas populares contra os contínuos massacres como no caso de Ayotzinapa, mas também com a manutenção da Zona de Livre Comércio que, entre outras coisas, permite uma brutal extração de mais-valia no norte mexicano que é escoada para o capital ianque por meio das atividades das

maquiladoras. Ademais, outra tarefa importante delegada pelos EUA para o governo frentepopulista de Obrador foi o controle, mediante repressão, das fronteiras entre os dois países, razão pela qual a violência, a perseguição e as prisões contra os trabalhadores centro-americanos no México aumentam velozmente desde 2018 e se manteve na pandemia. Basta mencionar que somente entre 2020 e 2021, os EUA, com a ajuda de Obrador, conteve um milhão de imigrantes que tentavam atravessar a fronteira.

No cenário interno, apesar da péssima gestão do combate à pandemia e do crescimento avassalador do desemprego, López Obrador tem 60% de apoio popular, explicado em parte pela cooptação dos movimentos sociais e sindicais, além de políticas sociais de redistribuição de renda e a manutenção da imagem de combate à corrupção e aos crimes de extermínio, tal como se expressará na consulta popular para julgar os ex-presidentes do país envolvidos com o narco e grupos paramilitares.

No caso peruano, a vitória de Pedro Castillo não se trata de uma resposta planejada e desejada pelo imperialismo para controlar a crise institucional no país, tudo ao contrário. É preciso recordar que antes do pleito no qual Castillo apareceu como elemento surpresa já no primeiro turno. O Peru vivia uma crise do regime democrático burguês e uma crise social profunda, com dois presidentes destituídos em menos de dois anos, Pedro Pablo Kuczynski, em 2018 (devido aos escândalos de corrupção com a Odebrecht) e Martín Vizcarra, em 2020, devido à disputa inter-burguesa com os parlamentares fujimoristas.

Em meio a isso, Castillo capitalizou o sentimento antissistêmico de parte significativa dos trabalhadores e da pequena burguesia empobrecida, em especial nas áreas rurais, regiões nas quais se misturam a exploração com a secular opressão racial contra os indígenas. Sua imagem associada às greves de professores e à autodefesa (rondeiro) contra os massacres do Estado e os abusos do Sendero Luminoso, ajudou a criar uma imagem de líder popular carismático que ao mesmo tempo em que usa o discurso anti-imperialista e de soberania nacional, também se apóia no enorme conservadorismo da sociedade rural peruana, daí seu discurso em "defesa da família", pela manutenção da criminalização do aborto e da negação de direitos à população LGBT. Além disso, o fato de sua oponente ter sido Keiko Fujimori, ligada a grupos de extermínio no campo e à corrupção em Lima, contribuiu para a adesão popular à

candidatura do Peru Libre.

No entanto, apesar do entusiasmo quase hegemônico da esquerda latino-americana com a vitória de Castillo, o certo é que longe de representar uma inovação, Castillo e o seu partido, Peru Libre, possuem vínculos e vícios com a ordem institucional capitalista há muito tempo. O próprio Castillo é ex-militante do partido de direita Peru Possible, partido pelo qual concorreu as eleições municipais em 2002. E o seu atual partido, Peru Libre já governou algumas regiões do país nas quais se envolveu em escândalos de corrupção e negociatas com a burguesia, como no Estado de Jenín, em 2013, quando o principal dirigente partido e então governador do estado, Vladimir Cerrón, foi condenado por superfaturamento em obras de saneamento.

Dessa forma, não é surpreendente que antes mesmo de terminar a contagem dos votos no segundo turno, Castillo tenha tentado acalmar o mercado por meio de seu Ministro da Fazenda, Pedro Francke, economista neoliberal que garantiu que não haverá expropriação, nacionalizações e tampouco ruptura com a atual independência do Banco Central, independência para que os amos imperialistas comandem a política econômica do país. Ou seja, na prática, tudo indica que por sua vontade o Governo Castillo será mais recuado que o chavismo na época de Chávez e que sua proposta de Constituinte será limitada à possível criação de um Estado Plurinacional no estilo boliviano ou uma Constituição Cidadã ao estilo de Rafael Correa, no Equador. O que ainda não está claro é se haverá uma ruptura da classe trabalhadora com esse governo, e para isso terá que acontecer uma ruptura também com as direções da esquerda peruana que apóiam Pedro Castillo, ou se a classe operária conseguirá ainda que pontualmente arrancar algumas conquistas mais significativas.

Um dos cenários prováveis para o Brasil num futuro próximo é a formação de um novo governo Lula/PT. Tal governo seria de uma linha ultraconciliadora com a burguesia nacional, para manter as medidas de austeridade e o controle das revoltas dos explorados e oprimidos. Para os revolucionários, esse possível cenário demanda desde já uma política dura de rompimento com qualquer apoio político ao petismo, assim como uma demarcação clara com os reformistas e centristas na esquerda que irão apoiar eleitoralmente o PT e seguir uma linha de adaptação ou encobrimento do seu governo pela esquerda.

O aumento do Estado policial

Ainda como resposta à crise política, econômica e social que se abate em toda América Latina, outra resposta burguesa segue em curso no subcontinente: o fortalecimento do Estado policial.

Antes de tudo, é preciso caracterizar que o atual aumento da repressão, perseguição, tortura e assassinatos de lideranças populares não é uma política antagônica à política de conciliação de classes, ao contrário, em muitos casos o endurecimento dos aparelhos repressivos do Estado ou a consolidação de semiditaduras deriva diretamente de governos conciliadores. Os casos nos quais essa característica aparece de forma mais acabada são Venezuela e Nicarágua.

Na Venezuela, a prisão e a condenação do líder operário Rodney Álvarez e a tentativa do PSUV de impedir candidaturas inclusive de seu campo de alianças, como as do PCV, mostra que o regime de Nicólas Maduro segue disposto a eliminar não apenas a direita pró-imperialista representada pelo fantoche Guaidó, mas também eliminar a oposição de esquerda. Para tanto, utiliza-se do apoio interno que tem nas Forças Armadas e na “boli-burguesia”, representada pelo ex-presidente da Assembleia Nacional – o militar Diosdado Cabello.

Além disso, Maduro ainda conta com o apoio externo que recebe financeiramente da China e militarmente da Rússia, apoio esse que até hoje impediu uma ação militar direta dos EUA no mar do Caribe venezuelano. Portanto, sem fissuras em suas bases militares, não há expectativa, em curto prazo, do fim ou enfraquecimento do regime de Maduro, ainda que exista uma crise humanitária sem precedentes no país e que levou à fuga de mais de 4,6 milhões de pessoas, em sua maioria trabalhadores pobres que tentam sobreviver na Colômbia ou no norte do Brasil.

Situação semelhante ocorre na Nicarágua, sob o governo de Daniel Ortega desde 2018, quando o movimento sindical, estudantil e campesino foi às ruas contra a política de austeridade. Desde então, sob o governo da Frente Sandinista para Libertação Nacional (FSLN), o regime político no país rapidamente transitou de uma democracia liberal carcomida para uma ditadura pessoal centrada em Ortega e sua esposa, Rosario Murilo (vice-presidente). Desde 2018 até 2020 mais de 1614 pessoas foram presas na Nicarágua por participarem de protestos.

Assim como na Venezuela, Ortega se mantém mediante uma política de privilégios aos militares e agrados ao capital financeiro internacional, isso em detrimento da pobreza dos trabalhadores nicaragüenses que estão entre os que mais tentam atravessar a fronteira do México com os EUA.

Ao lado da aprovação da Lei N◦ 996 que anistia não apenas os militares dos crimes cometidos durante o período da guerra civil, mas também dos crimes cometidos recentemente, Ortega enviou no ano passado um projeto de lei que prevê a pena de prisão perpétua para aqui-

lo que classifica como crime de terrorismo e distúrbio da ordem. Essa situação ganha agora um salto de qualidade com as prisões, no último dia 9 de junho, de ex-dirigentes do FSLN que até então apoiavam o governo, tais como o ex-general Hugo Torres e a ex-guerrilheira Dora María Téllez, todos eles membros do UNAMOS, ruptura de direita da FSLN. Além disso, o governo decretou a prisão dos quatro pré-candidatos da oposição de direita à presidência: Cristiana Chamorro, Arturo Cruz, Juan Sebastián Chamorro e Félix Maradiaga. Nessas circunstâncias, diferentemente da Venezuela que conta com o apoio da China e da Rússia, é possível que a ditadura sandinista se isole no cenário internacional, algo que pode enfraquecer seu apoio interno nas Forças Armadas.

Por fim, nesse cenário de aumento do Estado policial na América Latina, a situação da Colômbia segue como modelo clássico da manutenção das formas da democracia burguesa, mas de avanço da perseguição das organizações da classe trabalhadora, tortura e assassinato de militantes e ativistas de esquerda.

É válido lembrar que as cenas de repressão do Estado e de forças paramilitares contra lideranças sindicais e campesinas não são somente resultado das recentes mobilizações. Com o fracasso do acordo de paz com os ex-guerrilheiros da FARC, e a retomada das atividades das dissidências guerrilheiras na região Amazônica, o Estado colombiano deu um salto qualitativo em seu grau de perseguição contra indígenas e trabalhadores nas regiões mais afastadas de Bogotá.

Todavia, é preciso deixar claro que essa combinação de perseguição, prisão, tortura e execução ocorrem mediante dois elementos importantes: (1) a manutenção do rito democrático, isto é, com eleições periódicas, a liberdade de imprensa (dentro dos limites burgueses) e de possibilidades de organizações da chamada “sociedade civil”; (2) e com a repressão executada não apenas pelos aparelhos formais do Estado, mas também com realizada pelos bandos paramilitares que se deslocam de dentro das forças repressivas do Estado para formar falanges milicianas, em especial nas áreas rurais da Amazônia colombiana, onde há a disputa pela produção e distribuição da coca para o resto do mundo.

Nesse sentido, é fundamental estudar mais detalhadamente o Estado policial colombiano, pois é possível que outros países latino-americanos se aproximem desse modelo de gestão do capital, o qual inclui uma política ultraliberal com uma democracia de fachada, acompanhada de um patamar superior de repressão, contra o qual a classe trabalhadora enfrenta os órgãos oficiais e também os setores paramilitares.

Esse é outro cenário possível para o Brasil no decorrer dos próximos anos, com ou sem Bolsonaro, a depender do desenrolar das batalhas de classe. Para estarmos também preparados, os revolucionários devem estimular o rompimento com todas as ilusões ou expectativas na democracia burguesa, que está bastante carcomida, e estimular a preparação de autodefesas dos trabalhadores e dos outros oprimidos, tarefa que é ignorada pela esquerda adaptada à ordem.

Breves considerações finais

A luta de classes no subcontinente, que tem como fator recente o rebaixamento da América Latina na divisão internacional do trabalho e a crise econômica mundial, se acirrou nos últimos cinco anos. Entretanto, longe de encontrar uma saída revolucionária as heroicas mobilizações dos trabalhadores se deparam com dois obstáculos burgueses. Primeiro, a tática dos governos de conciliação ou nacionalistas burgueses, tática essa que ainda está presente na região. Segundo, a política de aprofundamento dos aparatos repressivos, seja por meio de ditaduras que podem surgir de governos da direita tradicional, como no caso colombiano ou mesmo de governos de conciliação de classes que rumam para o fechamento, como no caso da Venezuela e da Nicarágua.

Seja como for, não há um cenário de imobilismo subcontinental, ao contrário, antes mesmo da pandemia, as lutas já aumentavam e apresentavam casos de radicalização, como no Equador, Haiti, Colômbia e Chile. E agora com a crise econômica agravada pela péssima gestão dos governos diante da Covid-19, a tendência é que essas lutas se tornem ainda mais agudas e aprofundem a crise capitalista na região. Todavia, é preciso dizer que não há um determinismo entre o aumento e mesmo radicalização das mobilizações com uma possível abertura de um processo revolucionário, em especial porque dessas lutas ainda não surgiram novas direções revolucionárias para o movimento, nem têm sido marcadas por perspectivas e métodos de organização marxistas. Diferente disso, o que ainda predomina é a tentativa de revigorar o sistema democrático burguês, como no Chile e do Peru recentemente. Dar um combate político e teórico contra tal perspectiva “democratista”, e defender o estabelecimento do poder dos trabalhadores, esmagando os órgãos do Estado burguês, é uma das principais tarefas de uma corrente revolucionária no período próximo.

☭

REFLEXÕES SOBRE OS ATOS BOLSONARISTAS DO DIA 07 DE SETEMBRO

Bof , 15 de setembro de 2021

Findou o dia 7 de setembro. Afinal, não houve golpe. Não se pode dizer que isto é por conta de alguma demonstração de força popular.

Os atos contra Bolsonaro foram, quando muito, simbólicos, com algumas poucas milhares de pessoas. Nenhum setor organizado e importante de trabalhadores realizou demonstrações antes ou durante (por ser feriado). Sindicatos expressivos como CUT não mobilizaram nada além de algumas bolas infláveis e bandeirolas no Anhangabaú.

Os atos bolsonaristas concentraram suas forças em São Paulo e Brasília. Apesar de inflado o anúncio dos números (disseram 150 mil), conseguiram chegar a casa de muitas dezenas de milhares. Isso, no entanto, não é sinal de retomada do apoio, mas de um grau cristalizado (e, também, pago) de apoio em setores brutalizados de trabalhadores e arruinados da classe média urbana. Não houve enorme presença de setores do agronegócio (a maioria assinando manifesto contra o discurso golpista).

No fundamental, as frações dominantes dos patrões não tem nada a ganhar com aventuras golpistas. Com a economia em decadência e uma estagflação (inflação altíssima e crescimento estagnado, ou em queda) aparecendo na esquina, o que anseiam é estabilidade, o oposto do que oferece Bolsonaro acuado como está.

Em um discurso raivoso, Bolsonaro apresenta os métodos de animal encurralado: põe as costas na parede e mostra os dentes. Mas estes dentes, mesmo com a miragem de apoio, não podem morder seus adversários reais. Fala de não ser preso e acuar o STF pois sabe que pode estar chegando a hora de ser descartado, como antes tentaram com Temer. Hoje deu demonstração de uma base raivosa, mas de isolamento e estancamento. Daqui em diante Bolsonaro não tem pra onde crescer: é só ladeira abaixo.

Infelizmente, não existe movimento de trabalhadores organizado ameaçando os interesses da patronal. E isso em anos em que esses interesses cobraram milhões de desempregados e centenas de milhares de vidas pela epidemia.

Os sindicatos petistas, PCdoBistas e afins traíram os peões como poucos sindicatos já fizeram em toda a história da classe trabalhadora. Deixaram-nos morrer sem ar num corredor lotado de hospital.

Tinham dentes para morder, mas seus dirigentes se negaram e preferiram usá-los pra abocanhar os privilégios e mamatas que vem dos cargos sindicais.

No fundamental, de 2017 pra cá, os patrões ganharam todas e, sobretudo, conseguiram desarmar sindicatos e fragmentar os peões.

Essa história de golpe é uma manobra narrativa para obter chantagem eleitoral e, assim, dar ao PT base de apoio para eleger Lula com e para as mesmas raposas que derrubaram Dilma em 2016. [*]

A onda conciliatória se ergue, ganhando além da esquerda liberal e domesticada, nomes burgueses de peso, de Delfim Netto a Meirelles, do agronegócio aos industrialistas, do mercado financeiro aos gigantes do Comércio. It's all business, afinal. E o que importa em negócios é a estabilidade para lucrar.

O preço? Condições sub-humanas de vida para a massa de peões, preço da força de trabalho (salários) cada vez menor, lucros exorbitantes, manutenção das reformas contra o povo e genocídio da epidemia seguindo.

Diante de uma situação econômica deteriorada, essas são as únicas margens do Rio pelo qual Lula, encarnando a conciliação, pode navegar.

Existir quem hoje aponte esta realidade, que Bolsonaro está acuado pelo limite de suas forças e pelos setores de patrões que o colocaram lá – e que hoje já o vêm mais como problema do que solução – , além de mencionar a operação ao redor da conciliação de classes, que trará a mentira de um novo governo Lula como o salvador da pátria, é condição essencial de uma política revolucionária.

Quando vierem os ataques comandados pelas raposas e executados pelo PT, inevitáveis dado o cenário econômico, este grupo da esquerda revolucionária poderá se ligar a indignação que vai surgir entre os trabalhadores enganados.

Não fazer isso e não se preparar, indo viver a vida e luta nas quebradas e locais de trabalho mais precários, é entregar estes peões de novo para o colo da extrema direita.

Assim, se pavimenta o caminho para um novo Bolsonaro surgir, vendendo a si mesmo como antissistema e "a mudança", para enganar uma classe trabalhadora confusa e montar no desespero da classe média.

*** NOTA (14/12/2021):** o parágrafo em questão gerou discordância dentro do grupo já à época da publicação do texto, porém o desejo de publicar um artigo que debatesse a conjuntura mais à fundo e a necessidade de se posicionar rapidamente sobre os eventos em questão nos levou a deixar uma análise mais refinada para um segundo momento. Como acabamos por não publicar o desejado artigo de maior densidade, optamos por adicionar essa nota de esclarecimento de nossa leitura de conjuntura. Acreditamos que, embora não esteja na ordem do dia a possibilidade de uma tentativa de golpe por parte de Bolsonaro e de setores que o apoiam como forma de se manterem no poder, e que a correlação de forças atual entre as variadas frações da classe burguesa faça com que uma tentativa dessas quase certamente fracasse, por não ter apoio suficiente entre a burguesia nativa e as potências imperialistas, não está descartado que Bolsonaro e cia. possam tentar algo assim no futuro. De qualquer forma, reiteramos que a instrumentalização eleitoral que o PT faz dessa possibilidade marginal de golpe não deve levar a nenhum apoio político e eleitoral a esse partido, o que seria inútil para deter qualquer golpe caso viesse a ocorrer, especialmente quando o PT está de braços dados com os golpistas de ontem e de amanhã.

PANFLETOS USADOS NOS ATOS "FORA BOLSONARO"

Não espere, nem crie expectativa no impeachment ou nas eleições de 2022, organize-se para a luta!
O Brasil precisa de um governo revolucionário da classe trabalhadora!

Panfleto usado nos atos de 19 de junho e 3 de julho de 2021

Só o impeachment não resolve!

Há pedidos de impeachment contra Bolsonaro desde que ele assumiu. Seus crimes contra o povo estão claros para quem quiser ver. Não vão para frente porque Bolsonaro está blindado pelo Congresso, por boa parte do Judiciário e da classe dominante podre do Brasil. O desastre de mais de 520 mil mortes não é culpa só do genocida-chefe, mas de governadores e prefeitos de muitos partidos, Justiça e patrões cuja sede para lucrar expõe os trabalhadores à morte. A nossa luta não deve se orientar pelo impeachment, em primeiro lugar porque deixaria no poder outro negacionista: o general Mourão. PT, PCdoB e PSOL focam no impeachment para uma "grande reconciliação" porque aceitam governar com o STF, militares e boa parte da "nova" ou "velha" direita. Desviam do que é realmente necessário: punição exemplar de Bolsonaro, de todos os militares e políticos criminosos que causaram esse desastre; derrubar TODO o governo e desfazer imediatamente todas as privatizações e ataques aos trabalhadores realizados nos últimso anos (na Previdência, reforma trabalhista, lei de terceirizações etc.). O impeachment não fará isso!

Nenhuma expectativa nas eleições!

Por sua vez, as eleições de 2022 não apresentam grandes perspectivas para nós. Lula, em quem muitos depositam esperança, já está fazendo conchavos de todo tipo

com políticos da direita e setores que ajudaram Bolsonaro a governar. Nos governos do PT, apesar de algumas reformas que tem que ser defendidas, não pararam as privatizações de aeroportos, bancos públicos e empresas estratégicas. Não parou a retirada de direitos contra os trabalhadores. O PT dava apoio a “aliados” que prosseguiram os crimes contra a população negra e periférica no Rio de Janeiro, como Sergio Cabral. Foi o governo petista que realizou a ocupação militar do Haiti a mando dos EUA. Não existe nenhuma garantia de que Lula vai reverter as privatizações e crimes colocados na lei por Bolsonaro e pelo Congresso nesses últimos anos, pois as forças políticas com que Lula está se coligando são as mesmas que hoje representam a elite econômica podre, racista e assassina desse país.

O que fazer?

Além disso, o genocida que está no Planalto não vai aceitar sair facilmente, mesmo perdendo. O PT não vai resistir com força a uma tentativa de golpe por não querer assustar seus aliados conservadores com greves, piquete, manifestações e levantes populares. A nossa perspectiva, como trabalhadores, deve ser a de lutar para arrancar as conquistas e demandas no interesse da nossa classe, deter todos os ataques antidemocráticos aos nossos direitos e se preparar para derrubar esse governo assassino na marra. Para isso, é preciso participar das organizações de luta: criar comissões nos locais de trabalho, participar dos sindicatos na tentativa de coloca-los em movimento, somar com as organizações de luta contra a opressão e de solidariedade mútua, etc. E se engajar em partidos e correntes da classe trabalhadora que sejam independentes dos patrões e seus governos!

Pelo que lutamos?

Nós do Reagrupamento Revolucionário levantamos a bandeira da necessidade de a classe trabalhadora governar esse país por meio das suas organizações, quando essas estiverem fortes e preparadas para se livrar das instituições carcomidas que hoje governam. No dia a dia, lutamos pelas seguintes demandas. Venha conhecer a gente por meio do nosso site: rr4i.org

- ***Auxílio emergencial de um salário mínimo para TODOS os desempregados, donas de casa, informais e precarizados!*** Confiscar os lucros dos bancos e megaempresas para pagar. Que os trabalhadores possam se resguardar da pandemia.
- Emprego digno é direito de todos! ***Reduzir a jornada de trabalho sem reduzir salário para criar mais postos de trabalho (com o devido treinamento) até acabar o desemprego.*** Complementar com um plano de obras públicas, sob gestão dos trabalhadores.
- ***Congelamento emergencial dos preços dos itens básicos e aluguéis.*** Aumento dos salários (e do salário-mínimo) de acordo com a subida da inflação desses itens, que está bem acima do índice médio oficial.
- Abaixo o sucateamento da saúde e da educação! ***Contra o contingenciamento de verbas das universidades públicas!*** Abaixo à terceirização: ***efetivação dos trabalhadores terceirizados, que devem ser pagos pela União. Bolsas de auxílio, creche e restaurantes a TODOS os estudantes que precisarem.*** Em defesa do SUS! Tomar os hospitais privados e militares (alguns vazios!) para cuidar da população sem custo.
- ***Deter a privatização da Eletrobrás, da CEDAE (RJ) e de outras empresas públicas!*** O que precisamos não é de privatização criminosa para nós arcarmos com os custos, e sim controle dos trabalhadores sobre as empresas públicas!

☭

REVOLUÇÃO SOCIALISTA CONTRA A DEVASTAÇÃO CLIMÁTICA CAPITALISTA!

Oskar B., maio de 2021. Originalmente publicado pelos nossos camaradas do grupo Bolchevique--Leninista da Austrália (https://bolshevik-leninist.org).

O processo contínuo de devastação ambiental que vivemos é resultado de uma ordem econômica e social destrutiva e totalmente insustentável. Os últimos duzentos anos de desenvolvimento capitalista foram marcados por uma escalada implacável da destruição ambiental na busca de matérias-primas para abastecer os lucros da burguesia. Eles viram a criação de uma ordem internacional baseada em uma economia de combustível fóssil insustentável, a força motriz da mudança climática. Gerações de industriais, magnatas dos combustíveis fósseis e investidores financeiros enriqueceram além da compreensão devido à destruição e pilhagem indiscriminada do meio ambiente. A mudança climática é uma crise do modo de produção capitalista, não há caminho a seguir no quadro do capitalismo. Somente a derrubada desse sistema por meio da revolução socialista e o estabelecimento de uma economia planejada podem genuinamente combater e mitigar a crise que se avizinha.

A humanidade rapidamente se aproxima de uma catástrofe ecológica. A crise ambiental, social e política que se desenvolve como resultado das mudanças climáticas está rapidamente chegando a um ponto de ruptura. O primeiro ano da nova década, 2020, foi um dos mais quentes da história desde que começaram a ser feitas medidas. [1] Ao longo dele, temporadas apocalípticas de incêndios queimaram dezenas de milhões de hectares de terra, inundações devastadoras impactaram milhões e os níveis de dióxido de carbono atmosférico atingiram um recorde. [2] Esses eventos devem servir como um rude despertar para a extensão desta crise emergente, uma crise que já está deslocando pessoas em uma escala significativa em nações de todo o mundo, e uma crise que continuará a se agravar a cada tonelada de carbono lançada na atmosfera.

Enquanto os capitalistas podem escapar e se proteger do avanço cada vez maior da destruição do clima, são os membros da classe trabalhadora que são forçados a continuar trabalhando na fumaça tóxica do incêndio florestal, que são mortas e deslocadas pelo aumento do nível do mar, inundações e paredes de chamas, que estão no fogo cruzado do colapso social e da crise política. Esse é especialmente o caso em países coloniais e semicoloniais, com estimativas prevendo centenas de milhões de pessoas deslocadas em todo o mundo como resultado das mudanças climáticas. [3] E a questão de como isso será respondido é tão preocupante quanto a própria estimativa. Os aparelhos militares e de segurança nos países imperialistas estão extremamente cientes e estudam ativamente a relação entre as mudanças climáticas e a migração forçada. Mas a resposta que os imperialistas estão preparando é uma maior militarização das fronteiras, fortificação dos Estados e um aumento da presença imperialista ultramarina. Tudo isso para evitar a "ameaça à segurança nacional" representada pela mudança climática: suas vítimas nas classes de trabalhadores e subalternos do globo.

Mesmo com os impactos das mudanças climáticas cada vez mais se revelando, conforme seu risco e gravidade se tornam inegáveis, a classe capitalista e seus aparatos de Estado continuam a se mostrar relutantes e incapazes de resolver a crise que se avizinha, ou de mitigá-la significativamente pelo bem-estar das pessoas que trabalham. Embo-

ra o impacto destrutivo dos combustíveis fósseis no clima seja bem conhecido pelas grandes corporações há décadas, [4] as únicas ações significativas que essas corporações tomaram nesse meio tempo foram encobrir essas informações e bloquear qualquer tentativa de prejudicar seus lucros. As últimas duas décadas foram marcadas por uma série interminável de “acordos climáticos internacionais” vazios e simbólicos que, mesmo em seu estado extremamente reduzido, foram rompidos e ignorados por muitos de seus signatários. Em um momento em que todo o uso de combustíveis fósseis deve ser substituído drástica e rapidamente, as grandes corporações de energia continuam a aumentar a extração desses recursos, uma tendência que deverá aumentar na próxima década. Grandes corporações de energia como a ExxonMobil planejam bombear 25% mais petróleo e gás natural em 2025 do que em 2017. [5]

Se alguns ideólogos burgueses seguem pregando que as forças de mercado ou política do Estado capitalista vão intervir e nos salvar da mudança climática, as ilusões “verdes” no capitalismo estão mostrando que são uma farsa. Embora o uso de carvão esteja diminuindo na Europa e na América do Norte, por exemplo, isso não se deve a nenhuma preocupação especial com a mudança climática, mas em fornecer uma base de energia moderna e mais estável para a exploração capitalista. Este fato é demonstrado claramente pelo fato de que a grande maioria da infraestrutura de carvão eliminada é substituída por gás natural igualmente prejudicial ao meio ambiente [6].

Eles nos dizem que simplesmente investir em tecnologia “verde” fornecerá uma solução para as mudanças climáticas. Isso é totalmente insuficiente e, mesmo assim, o investimento global em energia renovável continua a ser insignificante. O compromisso com o investimento em energia renovável de 2020 a 2030 é de um trilhão de dólares globalmente, um número menor do que o valor total investido na década anterior e significativamente menor do que o valor total necessário para atender aos já insuficientes compromissos do Acordo Climático de Paris de 2015. [7]

Este um trilhão de dólares ao longo de uma década também é insignificante em comparação com os oito trilhões de dólares que os Estados Unidos estão destinados a gastar em investimento militar durante esse período. [8] A discrepância insana desses compromissos é uma demonstração clara das prioridades distorcidas do capitalismo, com seus infindáveis armamentos para a guerra e imperialismo militarista para salvaguardar os lucros, preparando instituições repressivas para lidar com as consequências de “segurança nacional” da crise climática. Não esqueçamos que, ironicamente, essas instituições de guerra imperialista sejam elas mesmas grandes contribuintes para as emissões de gases de efeito estufa; com o Departamento de Defesa dos EUA sozinho sendo um dos maiores poluidores individuais do planeta. [9]

O que fazer?

Para combater a mudança climática e reduzir seus impactos sobre bilhões de membros da classe trabalhadora em todo o mundo, será necessária uma transição rápida e drástica de uma economia baseada em combustíveis fósseis. Mas as forças produtivas da economia mundial estão totalmente fora do controle racional da classe trabalhadora. Em vez disso, uma pequena minoria – a classe capitalista – cuja única preocupação é maximizar sua riqueza, comanda as alavancas do poder. E para a grande maioria da burguesia não há razão para abandonar voluntariamente uma grande indústria e a forma mais lucrativa de produção de energia.

Precisamos expropriar sem compensação as indústrias poluentes: energia, transporte, indústria pesada, agricultura; as empresas e os acionistas que estão destruindo o planeta, e colocar essas indústrias sob o controle da classe trabalhadora. Nas mãos de uma democracia dos trabalhadores, os recursos da velha economia de combustível fóssil devem ser usados para reorganizar um sistema social e econômico sustentável construído para os interesses de longo prazo da vasta maioria da sociedade, não para os lucros de um pequeno punhado de capitalistas. A geração de energia precisa ser fundamentalmente revolucionada e transferida de combustíveis fósseis para fontes de energia limpa e renovável: solar, eólica, hídrica, etc. A energia nuclear, com emissões operacionais de CO^2 praticamente iguais às da solar e eólica, também é uma fonte de energia de baixo carbono viável e não deve ser excluída. Juntamente com uma rápida transição dos combustíveis fósseis para a energia limpa, essa reorganização deve incluir uma série de programas ambientais radicais adicionais. Uma transformação ecológica da agricultura; investimento em ampla pesquisa para desenvolver ainda mais a tecnologia verde; e a proteção dos meios de subsistência enquanto supervisiona o treinamento voluntário de trabalhadores de combustíveis fósseis para novas indústrias.

A única coisa que nos impede de agir contra as mudanças climáticas é o domínio do capital. Resistir à crescente crise climática exigirá a derrubada total do capitalismo por meio de uma revolução proletária mundial e a formação de uma economia planejada para coordenar em larga escala a transformação ecológica da sociedade, necessária para prevenir a catástrofe. Capitular a vazias “soluções” climáticas capitalistas mostra apenas ilusão e uma subestimação da gravidade e das causas estruturais das mudanças climáticas. Qualquer estratégia ambiental que não reconheça a necessidade de derrubar o capitalismo é uma estratégia do fracasso.

Mudanças climáticas e os Estados operários

Fora das potências capitalistas, nos Estados operários deformados restantes no mundo, uma resposta diferente e superior pode ser vista; mas ainda muito sobrecarregada pelas contradições inerentes às suas deformações burocráticas. Estes são Estados onde a revolução social expropriou a classe capitalista e produziu um Estado operário sob o controle político de uma casta burocrática. Com planejamento central, controle sobre a indústria e a economia, e um Estado não subserviente a uma classe capitalista, esses países estão muito mais bem preparados para tomar medidas para prevenir novas contribuições para a mudança climática e para resistir aos piores impactos que ela trará.

Políticas de longo prazo em Cuba, possibilitadas pelo planejamento central e propriedade estatal, tornaram-na uma das nações mais ambientalmente sustentáveis do planeta. [10] Ela também continua um projeto de investimento em energia renovável que é incrivelmente ambicioso para um país pobre sob fortes sanções econômicas por parte do imperialismo estrangeiro. E ela tem um plano de 100 anos para aumentar sua resiliência às mudanças climáticas e aos desastres naturais resultantes. [11]

Na China, apesar de ter uma economia muito mais industrializada do que Cuba, o planejamento central está facilitando de forma semelhante a ação para combater a mudança climática. A China implementou centenas de políticas destinadas a reduzir as emissões de gases de efeito estufa e é líder mundial na produção de energia renovável e em projetos de reflorestamento. No ano passado, o governo chinês anunciou planos para uma "revolução verde" que irá zerar o valor líquido de emissões até 2060, e já começou a mobilizar empresas estatais para cumprir essa meta. [12] O país também está a caminho de cumprir suas obrigações do Acordo de Paris com nove anos de antecedência. [13]

No entanto, enquanto estes Estados operários, com seu controle centralmente planejado sobre a indústria e a economia, têm o potencial para tomar ações decisivas contra as mudanças climáticas necessárias para prevenir a crise ecológica, eles são, em última análise, prejudicados pelo fato de que o poder político não é detido pela própria classe trabalhadora, mas por uma camarilha burocrática situada acima deles. Essas camarilhas se preocupam, em última instância, com a preservação de seu próprio poder político, não com os interesses fundamentais da classe trabalhadora na preservação do meio ambiente. Na União Soviética, a degeneração no burocratismo stalinista levou a uma reversão das significativas políticas ambientalistas e conservacionistas desenvolvidas após a revolução russa. [14]

Além disso, as burocracias dos atuais estados operários permitiram grandes incursões capitalistas, incluindo enclaves capitalistas ativos em Zonas Econômicas Especiais, no caso da China. Com essas incursões capitalistas, a capacidade dos Estados operários de promulgar e manter uma reforma ecológica generalizada é severamente limitada. As conquistas da China são de fato bastante impressionantes para uma grande economia industrial, mas sem dúvida não são decisivas e drásticas o suficiente; com 2060 muito longe e as obrigações de Paris quase universalmente baixas demais para princípio de conversa.

Os marxistas entendem que devemos lutar para defender os Estados operários deformados em face da contrarrevolução e da restauração capitalista. Nós lutamos pela derrubada política de suas burocracias para coloca-los sob o controle da classe trabalhadora e defender sua existência no longo prazo. Na esfera ambiental, vemos a relevância deste programa, uma vez que esses Estados têm potencial para realizar as ações ecológicas necessárias para prevenir as mudanças climáticas, mas exigem uma mudança política significativa nas mãos da classe trabalhadora para atingir esse potencial em sua plenitude.

Catástrofe climática, falência capitalista

O impacto devastador das mudanças climáticas desempenhará um papel cada vez mais definidor no restante do século XXI. O domínio do capital trouxe a humanidade à beira de uma catástrofe ambiental e humana. Uma crise ecológica generalizada está se formando, se é que já não está começando a acontecer; e nesta conjuntura o capitalismo mostrou, sem sombra de dúvida, que nada tem a oferecer a não ser palavras vazias e mais barbárie. A luta para salvar a humanidade e nosso planeta da devastação climática capitalista está inextricavelmente ligada à luta da classe trabalhadora para libertar a humanidade do capitalismo e construir o socialismo. Como marxistas, participamos de lutas, tanto ambientais quanto outras, com um programa revolucionário construído com base nesse entendimento.

Avançamos as demandas necessárias para evitar a devastação climática. Por uma reorganização sustentável e total das indústrias de energia, agricultura e transporte, expropriadas sem compensação, sob controle dos trabalhadores. Por um amplo desenvolvimento e implementação de tecnologia verde, juntamente com a proteção garantida dos meios de subsistência aos trabalhadores da velha economia de combustível fóssil. Pelo fim da subjugação imperialista dos trabalhadores do mundo colonial e semicolonial, agora enfrentando o peso da devastação climática. E por investimentos em massa em infraestrutura e serviços em todo o mundo para lidar com os impactos das mudanças climáticas (secas, inundações, aumento do nível do mar, incêndios, desastres naturais, etc.). Levantamos essas demandas porque são objetivamente necessárias para lidar com a crise que se avizinha, de uma forma que não sufoque e sacrifique os trabalhadores em nome da contínua dominação e opulência do capital. E nós as levantamos,

sejam eles alcançáveis dentro das estruturas da ordem capitalista ou não. O capital e seus parceiros no governo não nos salvarão pelo alto. Apenas a classe trabalhadora organizada, lutando nos locais de trabalho e nas ruas, pode arrancar a salvação em face da devastação ecológica contra esses parasitas e, nesse processo, começar a construir um novo mundo.

NOTAS

[1] abc.net.au "2020 equals world's hottest year on record, as factors behind Black Summer become clearer" (12 January, 2021)
[2] Yale Climate Connections "The top 10 weather and climate events of a record-setting year" (December 21, 2020)
[3] The Conversation "Climate change will displace millions in coming decades. Nations should prepare now to help them (December 19, 2017)
[4] The Guardian "Shell and Exxon's secret 1980s climate change warnings" (September 19, 2018)
[5] The Economist "Bigger oil: ExxonMobil gambles on growth" (February 9, 2019)
[6] Euractiv "Gas overtakes lignite as Europe's largest source of power emissions" (17 April, 2021)
[7] Frankfurt School-UNEP Centre/BNE "Global Trends in Renewable Energy Investment 2020" (2020)
[8] cbo.gov "Budget Outlook: 2020 to 2030" (September, 2020)
[9] The Conversation "US military is a bigger polluter than as many as 140 countries" (June 25, 2019)
[10] telesurenglish.net "As World Burns, Cuba Number 1 for Sustainable Development: WWF" (October 27, 2016)
[11] sciencemag.org "Cuba embarks on a 100-year plan to protect itself from climate change" (January 10, 2018)
[12] China Daily "SOEs set out measures on carbon neutrality" (January 18, 2021)
[13] New Scientist "China is on track to meet its climate change goals nine years early" (July 26, 2019)
[14] Climate and Capitalism "The rise and fall of environmentalism in the early Soviet Union" (November 3, 2014).

DECLARAÇÃO SOBRE O MASSACRE DO POVO PALESTINO POR ISRAEL

Maio de 2021. Originalmente distribuído em manifestação em solidariedade ao povo palestino.

Abaixo os crimes de Israel contra os palestinos!
Defesa da Faixa de Gaza contra os ataques!
Por um levante dos trabalhadores, por uma Palestina laica e socialista!

Novamente Israel deflagra ataques sistemáticos à faixa de Gaza. Contabilizam-se quase 50 palestinos mortos nos últimos dias. O Estado sionista mantém sua política de violência e subjugação aos mais de 2 milhões de palestinos que vivem espremidos em um território cada vez menor, limitados em seus direitos políticos, expulsos das próprias casas, tendo suas plantações, água e economia solapados.

Enquanto Israel abusa de sua força reprimindo palestinos durante o Ramadã e oferecendo apoio policial a ataques e expulsões por parte de colonos israelenses, o Hamas responde com foguetes, a grande maioria interceptada por Israel. Os sionistas usam isso a seu favor em conluio com a mídia internacional, tomando as ações perpetradas pela resistência palestina como "ataques terroristas" e os bombardeios contra Gaza como uma "resposta legítima" à morte de civis — mas as mortes do lado palestino foram pelo menos 10 vezes maiores!

Abaixo os ataques de Israel contra Gaza e sua violência sistemática contra os palestinos!

Cabe dizer, porém, que não somos apoiadores do Hamas e de muitas de suas ações, nem de outros partidos (como o Fatah) que defendem interesses dos proprietários, nem de saídas de cunho teocrático ou capitalista para os trabalhadores palestinos. Defendemos uma estratégia de internacionalismo proletário: a derrota de Israel e com isso a construção de uma nova sociedade governada pelos trabalhadores onde todos os tenham direito à terra e à vida, com os meios de produção (indústria, transportes, bancos) tomados e geridos coletivamente, inclusive com direitos aos trabalhadores de Israel que romperem com o sionismo e com a ideologia de Apartheid.

A paz duradoura será conseguida somente mediante a revolução dos trabalhadores da região contra o Estado de Israel!

Leia também: Internacionalismo proletário ou capitulação ao nacionalismo burguês? Polêmica com a LIT / PSTU sobre a Palestina, janeiro de 201. Disponível em: https://tinyurl.com/RR-PALESTINA15.

AS MANIFESTAÇÕES EM CUBA E OS DIVERSOS RISCOS DE UMA RESTAURAÇÃO CAPITALISTA

Por Marcio T., 15/07/2021

No último dia 11 de julho ocorreram manifestações em várias cidades cubanas, de teor crítico ao governo. Elas chamaram atenção não tanto pelo volume de pessoas mobilizadas, mas por terem se espalhado rapidamente por cerca de 20 cidades, incluindo Havana. A mídia burguesa internacional as comemorou com visível entusiasmo e políticos dos EUA e de outros países já clamam por uma intervenção militar estrangeira que derrube o governo cubano, demagogicamente falando em, com isso, "ajudar" o povo cubano. Setores da esquerda socialista, por sua vez, se dividiram entre um apoio acrítico ao regime cubano, denunciando as manifestações como uma operação contrarrevolucionária dirigida pela CIA, clamando por repressão da parte do governo, e uma euforia igualmente acrítica, encarando que, por terem algumas demandas justas e caráter popular, elas seriam, necessariamente, progressistas e levariam a resultados positivos. Como as manifestações provavelmente vão se repetir em breve, é fundamental uma compreensão da situação de Cuba, para além de posicionamentos automáticos e rasteiros.

Ajudar o povo cubano começa por acabar com o bloqueio

É óbvio para qualquer um que esteja disposto a enxergar que o bloqueio internacional a Cuba, imposto pelos EUA, é a raiz da maior parte dos seus problemas. Isso também é óbvio para muitos cubanos, que sentem na pele a escassez de alimentos, medicamentos, energia elétrica e tantos outros itens básicos, que o país é impedido de comprar, mesmo tendo recursos (ainda que limitados) para tal.

O bloqueio se tornou mil vezes pior após a dissolução da URSS, de quem Cuba dependia enormemente para obter matérias-primas, maquinários e produtos industrializados. Os anos 1990 foram marcados por um enorme desmonte da indústria cubana, impedida de operar pela falta de energia e insumos, gerando grande escassez e penúria para a população. Foi só nos anos 2000 que a situação da ilha melhorou um pouco, com uma recuperação parcial através do incentivo ao turismo, da abertura para operação de algumas empresas estrangeiras na área hoteleira e varejista e do apoio venezuelano, com venda de petróleo a preços baixos.

Durante os anos Obama, os EUA apostaram em uma reaproximação diplomática e afrouxaram alguns aspectos do bloqueio para permitir investimento estadunidense na ilha – um projeto gradual de restauração do capitalismo, conquistando terreno de pouco em pouco e disputando ideologicamente a população para ilusões pró-capitalistas. Isso mudou com a gestão Trump, que retomou e intensificou a política de estrangulamento econômico de Cuba, se alinhando mais estreitamente à antiga burguesia cubana refugiada em Miami, desejosa de recuperar suas propriedades e investimentos perdidos. Com a pandemia, a economia cubana ficou ainda mais prejudicada, pois perdeu boa parte do turismo, que era sua principal fonte de moeda estrangeira. Assim, nos últimos anos, a ilha voltou a enfrentar grande escassez de itens básicos, apagões de energia e desativação de empresas, o que afetou grave-

mente o nível de vida da população.

Portanto, qualquer posição minimamente progressista em relação a Cuba deve, necessariamente, começar pela condenação do bloqueio e pela oposição a qualquer tentativa de intervenção ou ingerência dos EUA na ilha. É inadmissível a violação da soberania cubana por potências imperialistas, interessadas em tornar novamente a ilha em uma semicolônia, para drenar seus recursos naturais e explorar seus trabalhadores!

Mas o bloqueio não é o único problema: não há socialismo em uma só ilha e sem democracia proletária

Mas quem para aí deixa de lado um outro grande problema, que é a existência de uma burocracia parasitária que controla a política e a economia do país, censurando e reprimindo vozes dissidentes para manter seus privilégios. A burguesia e o imperialismo foram expropriados pela Revolução Cubana. Mas não foi erguido, no lugar do Estado burguês destruído um regime de democracia proletária, baseado em assembleias e conselhos proletários e camponeses, como nos primeiros anos da Revolução Soviética. Ao invés disso, os comandantes do Exército Rebelde castrista e a burocracia sindical stalinista se apoderaram do poder político, inclusive fazendo expurgos em suas próprias fileiras, contra setores mais alinhados à radicalidade das bases. Também reprimiram aqueles que defendiam um regime de democracia proletária, como trotskistas e anarquistas, apesar de seu engajamento no processo revolucionário. Com isso, surgiu um Estado operário burocratizado, que combina a manutenção das conquistas sociais da revolução com uma gestão ditatorial da propriedade social por parte dessa burocracia.

Para mais detalhes sobre o processo da Revolução Cubana, recomendamos a leitura desse texto: https://rr4i.milharal.org/2021/02/09/o-papel-da-classe-trabalhadora-na-revolucao-cubana/.

Essa gestão burocrática envolve a proibição (ou, o que dá no mesmo, um inferno burocrático para obter sua legalização) da formação de organizações políticas independentes do Partido Comunista, mesmo quando defensoras da revolução e do socialismo. Envolve, também, a repressão a mobilizações independentes, inclusive com o uso de violência policial – como costumeiramente se vê em passeatas em prol de direitos LGBT, mesmo que elas não tenham nenhuma pauta contra a revolução e o socialismo. Envolve, ainda, o controle verticalizado e autoritário da propriedade social, o que impede sua devida gestão, que deve ser necessariamente democrática (feita pelos próprios trabalhadores) – caso contrário, predominam desperdícios, gargalos e corrupção, pela falta de articulação horizontal entre as empresas e noção real das necessidades da população.

Temerosa de perder seu poder e os privilégios materiais que obtém através dele, essa burocracia contribuiu para a manutenção do isolamento cubano ao não ter apostado na via do internacionalismo revolucionário. Mesmo no breve período da OLAS, em que o regime buscou expandir e apoiar movimentos de guerrilhas, o programa político era limitado à soberania nacional, sem ruptura com as burguesias latino-americanas. Nos anos 1970, diante de possibilidades muito reais de novas revoluções sociais na América Latina, como no Chile e Nicarágua, a burocracia cubana atuou no sentido de aconselhar pela não ruptura com o capitalismo. Sua estratégia, portanto, era de uma América Latina soberana, porém capitalista, com governos "progressistas" aliados a Cuba – uma utopia, pois não há soberania para os países periféricos sem revolução socialista nos centros imperialistas).

O regime cubano sem dúvidas tem uma forte tradição de solidariedade internacional, inclusive em processos de aguda luta de classes, como na libertação nacional de Angola. Mas solidariedade internacionalista não é a mesma coisa que internacionalismo revolucionário, o que todo apologista de esquerda do regime cubano (e da antiga URSS) faz questão de ignorar. Isolada nacionalmente, ou apenas contando com favores de alguns governos burgueses amigos (que, como todo governo burguês, só "ajuda" em troca de algo), a Revolução Cubana simplesmente não pode sobreviver.

Essa impossibilidade do "socialismo em um só país" tem levado a burocracia cubana a abrir cada vez mais a economia do país a investimentos estrangeiros, relações de mercado e expansão da propriedade privada. É disso que se trata a "Tarea Ordenamiento" de Raúl Castro e Miguel Diaz-Canel. Com isso, a burocracia consegue captar alguns recursos para dar uma sobrevida à experiência cubana. Mas o preço disso é uma crescente desigualdade social e desmonte das conquistas sociais da revolução, na forma de fim ou redução drástica de subsídios a empresas estatais e a famílias trabalhadoras. Isso também leva ao fortalecimento de setores proprietários interessados numa restauração plena das relações capitalistas e na reconstrução de um Estado controlado pela burguesia. O próprio regime tem usado seus meios de informação oficiais, como jornais e canais de televisão, para atacar abertamente o ideal igualitarista da Revolução Cubana e defender maior abertura às relações de mercado e propriedade privada.

Esse projeto de "reformas" é uma bomba-relógio, cujo resultado vimos no Leste Europeu e na URSS ao fim do século passado. Setores da própria burocracia, desejo-

sos de se converterem em burguesia e, com isso, assegurarem maior estabilidade material e mesmo elevação de seus padrões de vida, se engajaram em uma contrarrevolução junto a aos novos proprietários surgidos das suas próprias "reformas" econômicas e a forças pró-imperialistas. Contaram, ainda, com apoio de setores de massas que rejeitavam o socialismo, após décadas sendo deseducadas de que a ditadura stalinista, com seus problemas econômicos e falta de liberdades, era sinônimo de socialismo. Setores esses que foram iludidos de que uma restauração capitalista melhoraria suas condições de vida, deterioradas pelo prolongado isolamento internacional, pela gestão burocrática da propriedade social, e pelas reformas de austeridade da burocracia, e que traria democracia.

Em breve pretendemos escrever um texto mais detalhado sobre as "reformas" econômicas em curso em Cuba, mas recomendamos essa *live* realizada em fevereiro para maiores informações: https://www.youtube.com/watch?v=zrRTkKWbhvg.

Em Cuba, a crescente desigualdade social e penúria decorrentes não só do bloqueio, mas também das "reformas" recentes, já está gerando descontentamento popular. Descontentamento esse que se torna ainda maior diante da manutenção dos privilégios da burocracia, que pede sacrifícios à população, mas não faz nenhum por conta própria. Cresce, também, devido à ausência de participação popular nas decisões sobre a profundidade e extensão dos sacrifícios exigidos e das mudanças realizadas – apresentadas pelo regime como a única via possível.

Por isso, apenas o fim do bloqueio não basta para solucionar os problemas de Cuba. Mesmo sem o bloqueio, Cuba não conseguiria caminhar rumo ao socialismo estando isolada internacionalmente. Ao invés disso, o que ocorreria foi o que ocorreu no Leste Europeu e outros Estados operários burocratizados ao longo dos anos 1970 em diante: uma crescente integração ao mercado mundial capitalista, com todas as consequências negativos que isso traz, e com o fortalecimento de tendências e forças políticas restauracionistas dentro do país.

Não há outra solução possível que a expansão internacional da revolução, com a expropriação da burguesia e do imperialismo nos países vizinhos, para que Cuba possa contar com uma genuína solidariedade socialista. Por isso, não há coerência nos socialistas que prestam solidariedade a Cuba, porém, em seus respectivos países, deixam a luta pela revolução para os "dias de festa" e se subordinam politicamente a setores "progressistas" da burguesia e a forças capitalistas "progressistas" – como ocorre hoje no Brasil em relação ao apoio da esquerda socialista a Lula e ao petismo, gerando ilusões na possibilidade um capitalismo que seja bom "para todos".

Ademais, apesar do futuro de Cuba se resolver, sobretudo, na arena internacional, também é fundamental a superação, pelo proletariado cubano, do regime de ditadura da burocracia, que sabota a manutenção das conquistas sociais da revolução, ao apostar em crescentes concessões às relações capitalistas, na conciliação com governos burgueses e ao rejeitar as ideias igualitaristas do socialismo. Ao fim e ao cabo, essa burocracia joga água no moinho da contrarrevolução, ainda que não esteja, no momento, diretamente engajada em uma restauração do capitalismo. Mas mesmo isso não tardará a acontecer, conforme setores da burocracia percebam que não conseguem mais manter seus privilégios com a crescente desagregação econômica de Cuba, e percebam que terão melhor sorte se conseguirem se converter em proprietários burgueses – tal qual ocorreu no Leste Europeu e na URSS.

Por isso, defender Cuba de forma incondicional contra uma intervenção imperialista, ou tentativas de ingerência estrangeira, e defender de forma incondicional as conquistas da Revolução Cubana contra tentativas de restauração capitalista, não pode se confundir com um alinhamento político com a burocracia cubana. Pois essa burocracia é parte do problema, contribuindo para seu prolongamento e agravamento. Os trabalhadores cubanos precisam tomar o poder em suas mãos, removendo a burocracia e o seu aparato de controle político, o mal-nomeado Partido Comunista, do Estado.

Em seu lugar, devem erguer um regime de democracia proletária, com controle do Estado a partir de órgãos de autogestão organizados desde as bases dos locais de trabalho. Esse regime, diferentemente do atual, deve engajar toda a classe trabalhadora na gestão da propriedade social e na busca de soluções para os problemas econômicos, deve incentivar processos revolucionários em outros países (ao invés de alianças com burgueses "de esquerda), dar liberdade de organização e manifestação aqueles comprometidos com a defesa das conquistas sociais da revolução, remover os privilégios materiais da burocracia e reestabelecer os ideais e mecanismos de igualitarismo social. É isso que nós trotskistas chamamos de "revolução política".

Os protestos de 11 de julho: nem contrarrevolução da CIA, nem algo essencialmente progressista

Diante dos ataques explícitos da burocracia ao ideal igualitarista da revolução, denunciado como retrógrado nos jornais oficiais do regime, da piora das condições de vida da maior parte da população – não apenas por conta do bloqueio e da pandemia, mas também das reformas e da austeridade impostas pelo regime – e da falta de demo-

cracia, era inevitável que ocorressem manifestações contra o governo. Isso não significa, porém, que toda e qualquer manifestação contra o regime burocrático é progressista e levará a uma revolução política.

Protestos menores já vinham ocorrendo de forma isolada nos últimos meses. Alguns lidavam com medidas de austeridade mais draconianas estabelecidas pela "Tarea Ordenamiento", como o aumento dos preços dos restaurantes populares, que havia praticamente inviabilizado seu uso por trabalhadores aposentados. Esse e algumas outras medidas foram revertidas após a pressão popular. Esse tipo de protesto é inegavelmente progressista, pois se trata da defesa das conquistas sociais da revolução e das condições de vida da população trabalhadora.

Mas também vinham ocorrendo protestos de pautas mais difusas, em prol de uma abstrata democracia e liberdade de expressão. Estes eram protagonizados, sobretudo, por intelectuais e artistas, e não tinham nem uma defesa explícita do socialismo, nem das conquistas da revolução. O que mais chamou atenção recentemente foi o protagonizado pelo "Movimento San Isidro", em novembro de 2020. Esse grupo, formado por artistas, vinha usando as redes para protestar por liberdade de expressão e denunciando atos de censura que, de fato, eram injustificadas, pois envolvia suprimir opiniões que não tinham nada de pró-capitalistas ou contrarrevolucionárias – apenas eram independentes dos aparatos estatais e sua propaganda oficial.

Em novembro, um dos membros desse movimento foi detido de forma ilegal e os demais ocuparam um edifício em resposta, o qual logo foi desocupado pela polícia, levando a mais detenções. Há relatos de participação de indivíduos abertamente pró-Trump nessa ocupação, o que mostra o perigo de protestos com pautas difusas, que não se demarcam claramente em relação à defesa das conquistas sociais da revolução. No dia 27, cerca de 300 pessoas protestaram em frente ao Ministério da Cultura contra a censura e repressão ao Movimento San Insidro, e protestos menores ocorrem em outras cidades, como Santa Clara. Esses protestos do dia 27 reuniram setores muito heterogêneos, como defensores da revolução que discordam da censura, mas também grupos reacionários, pró-imperialistas e pró-capitalistas, que usam a bandeira da democracia para legitimar um projeto de contrarrevolução restauracionista.

Numa situação de cerco imperialista e constante ameaça contrarrevolucionária, manifestações por "liberdade de expressão" e "democracia" em abstrato, sem deixar claro a defesa da revolução e suas conquistas sociais, podem ser facilmente instrumentalizadas por forças reacionárias, interessados numa restauração capitalista. Mais uma vez, foi o que ocorreu nos Estados operários burocratizados do Leste Europeu e URSS, em 1989-91, com a contrarrevolução tendo assumido a forma de uma reação democrática, apoiada em razoável mobilização popular por "democracia". Por isso, a defesa da democracia contra a ditadura de burocracia deve sempre estar associada à defesa incondicional das conquistas sociais da revolução e da propriedade social, à firme oposição a qualquer intervenção imperialista e também a um posicionamento claro sobre que tipo de democracia desejamos: não a falsa democracia representativa da burguesia, usada para encobrir sua ditadura de classe, mas a democracia proletária, dos conselhos e comitês de trabalhadores e camponeses.

Nos protestos do dia 11 todos os elementos mencionados se misturaram: indignação de trabalhadores com a piora das suas condições de vida, repúdio à censura e repressão indiscriminados, e também o uso demagógico da defesa da democracia por setores contrarrevolucionários e pró-imperialistas. Tratou-se de protestos em grande parte espontâneos, convocados pelas redes sociais (que são um elemento bem recente em Cuba, fruto de uma abertura parcial promovida durante a gestão de Raúl Castro), com composição e pautas heterogêneas e sem uma liderança política estabelecida.

O governo rapidamente os denunciou como protestos pró-imperialistas e usou de repressão policial em várias cidades, inclusive prendendo militantes reconhecidamente socialistas em Havana (alguns, inclusive, membros do PC). Contudo, relatos diversos circulados por socialistas cubanos nas redes sociais dão conta de que as manifestações foram pautadas por demandas por comida, medicamentos e melhores condições de vida, e tiveram caráter popular. Em Havana, por exemplo, boa parte dos detidos pela polícia são moradores de Centro Habana, bairro popular para onde muitos migraram das províncias de interior, fugindo da fome na crise dos anos 1990. Setores comprometidos com a defesa da revolução estavam presentes e, inclusive, foram reprimidos com prisão (veja em anexo a nota de solidariedade a Frank Garcia Hernandez e outros militantes socialistas presos em Havana durante o protesto).

De certa forma, o próprio regime reconheceu haver legitimidade nesses protestos, pois Diaz-Canel foi pessoalmente a San Antonio de los Baños, onde as manifestações começaram, para dialogar com a população que estava nas ruas e tentar apaziguar os ânimos. Acaso o Presidente iria a uma manifestação de "mercenários da CIA", como os meios de comunicação do regime posteriormente acusaram (quando ficou claro que a tentativa de apazigua-

mento não funcionou)?

Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecer que os protestos também tiveram como eixo uma defesa abstrata da democracia contra o regime, e rapidamente se espalhou nas redes o slogan “SOS Cuba”, chamando à ingerência estrangeira na ilha, e “Pátria e vida” – este último, referência ao rap “Patria y vida”, que denuncia as reformas econômicas recentes e clama por “liberdade, não mais doutrinas” e “pátria e vida”, ao invés do slogan nacionalista da revolução, “pátria ou morte”. Grupos de direita, pró-imperialistas e pró-capitalistas, certamente estiveram presentes e tentaram disputar a indignação da população para seus próprios fins contrarrevolucionários, mas as manifestações não foram capturadas por essas forças de maneira imediata e automática.

Dito isso, a conclusão é que tal espontaneidade e heterogeneidade não permite a caracterização dos protestos do dia 11 como uma operação contrarrevolucionária da CIA, como quer o regime cubano e seus defensores acríticos em outros países. Ao mesmo tempo, é oportunista, e totalmente condenável, a postura de apoio acrítico visto por parte da esquerda socialista a essas manifestações, simplesmente por terem caráter popular e algumas demandas progressistas, ignorando os riscos representados pela presença da direita. Dada essa heterogeneidade, está colocada a disputa pelo sentido e conteúdo desses protestos ou, em termos mais gerais, do sentido e conteúdo da crescente insatisfação popular com o regime e a piora das condições de vida. O caráter dessas manifestações não está definido e dependerá de seu desenrolar.

Nós marxistas defendemos um movimento de luta contra a burocracia que tenha uma clara composição, pautas e interesses proletários diante das recentes reformas e da condução do país, delimitando-se claramente contra o imperialismo e a restauração do capitalismo. Não apoiaremos movimentos “democráticos” que auxiliem a contrarrevolução em Cuba, um Cavalo de Tróia que destruiria muitas conquistas sociais.

Os dados estão lançados: contrarrevolução restauracionista versus manutenção das conquistas sociais e revolução política

Por ora, o regime reagiu demonstrando força, com manifestações de apoio muito maiores tendo ocorrido no dia 12. Contudo, há uma direita muito bem preparada na ilha para disputar essa insatisfação e, com isso, convocar novos protestos, de conteúdo mais claramente definido que os do dia 11. A própria burocracia, que no dia 11 prendeu ativistas socialistas e LGBT, permitiu o crescimento de “ONGs” pró-capitalistas, igrejas evangélicas e grupos de direita na ilha nos últimos anos, os quais, com o grande apoio midiático que estão recebendo da imprensa burguesa internacional, e, certamente, também apoio operacional e material de agências do imperialismo como a CIA, se encontram numa posição favorável para manobrar as legítimas insatisfações da população cubana e usá-las para um processo contrarrevolucionário revestido de ares “democráticos”.

A única forma de evitar isso é com a formação de uma coluna de quadros socialistas, organizados em um partido independente da burocracia, que disputem essa insatisfação legítima para outro caminho, demonstrando, desde os locais de trabalho e bairros populares, que o regime burocrático não é um legítimo representante da causa socialista, e principalmente que a interferência estrangeira e a restauração do capitalismo não são solução para os problemas enfrentados pelo povo cubano – ao contrário, só vão agravá-los sobremaneira. É necessária uma firme oposição ao bloqueio, a qualquer interferência estrangeira e um firme repúdio e combate às forças de direita, pró-capitalistas, mas sem prestar nenhum apoio político à burocracia, que, ao desacreditar cada vez mais o socialismo, joga água no moinho da contrarrevolução. Enquanto as manifestações de oposição se mantiveram heterogêneas e sem uma liderança e programa pró-capitalista, é dever dos socialistas disputa-las para tal programa.

Infelizmente, porém, o cenário mais provável é que as forças de direita consigam hegemonizar a insatisfação popular no próximo período, convocando e dirigindo manifestações próprias, com conteúdo pró-capitalista e pró-imperialista, ainda que revistado com defesa abstrata da democracia. Nesse cenário, mesmo mantendo firme oposição ao regime burocrático, é dever dos socialistas verdadeiros cerarem fileiras contra qualquer tentativa de contrarrevolução, apoiando eventuais ações da burocracia para suprimí-las e organizando iniciativas próprias no mesmo sentido, as quais possam servir de base, no futuro, para a luta contra a própria burocracia, em defesa da revolução e do socialismo.

Abaixo o criminoso bloqueio imperialista a Cuba! Abaixo qualquer interferência estrangeira! Defesa incondicional das conquistas sociais da revolução cubana! Expulsão das agências e forças contrarrevolucionárias atuantes nas manifestações! Não à repressão das vozes favoráveis à revolução e às suas conquistas! Por um partido socialista dos trabalhadores, que lute pela defesa das conquistas sociais da Revolução Cubana e por uma democracia proletária! Abaixo a burocracia, viva o socialismo! Pela expansão internacional da revolução, para que Cuba possa romper verdadeiramente seu isolamento!

CARTA DE PRINCÍPIOS DO COLETIVO EDUCAÇÃO SOCIALISTA

Abril de 2021

O Coletivo Educação Socialista é impulsionado pelo Reagrupamento Revolucionário junto a companheiros e companheiras independentes. Acesse o Facebook do Coletivo para fazer contato e para acompanhar as suas publicações: https://www.facebook.com/coletivoeducacaosocialista

A educação vem sendo atacada diariamente nos últimos anos, como através da política de congelamento nos gastos públicos que limita por 20 anos a verba do setor (PEC 55/2016) e as constantes ameaças de cortes e atrasos de pagamento. Os trabalhadores da educação, que incluem professores, trabalhadores administrativos, merendeiras, agentes escolares, motoristas, cuidadores de crianças com deficiência, etc. configuram uma categoria cada vez mais fragmentada. Temos muitos trabalhadores dessa área com contratos de terceirizados, e professores e funcionários temporários, o que gera dificuldade de organização.

Os trabalhadores da educação, assim como diversos outros setores da classe trabalhadora, sofrem com precarização e ataques dos patrões e dos governos a nível federal, estadual e municipal. Isso mostra que nós, educadores somos parte do conjunto da classe trabalhadora e devemos com ela nos posicionar contra a classe dos capitalistas e parasitas que governam no interesse deles. E mais: devemos tentar trazer cada vez mais os nossos companheiros para a organização e militância ativa. É por isso que nós, que somos trabalhadores da educação e estudantes combativos, organizamos um coletivo para defender os princípios pelos quais acreditamos que nossa luta deve se guiar, e formamos o Coletivo Educação Socialista.

Já não bastasse a precariedade tão habitual das condições de trabalho na educação no Brasil, os governos agora planejam e executam a política de reabertura das escolas sem nenhum plano de vacinação para esse setor em meio ao caos da pandemia da COVID-19, com coação sobre os trabalhadores da educação para que voltem ao trabalho presencial, coisa que já vêm fazendo com outras tantas categorias. Em um cenário de aumento constante dos casos da doença e também na presença de mutações do vírus, os governos colocam os trabalhadores da educação e toda comunidade escolar em risco de se contaminar. É uma continuidade da política de descaso com a população, enquanto mantém os diversos privilégios das castas políticas e classes dominantes. Nesse cenário, defendemos que não haja abertura das escolas sem antes ocorrer vacinação da maior parte da população; e auxílio emergencial para os trabalhadores desempregados e precarizados, financiado pela taxação dos lucros dos grandes empresários e banqueiros.

Além dos ataques dos governos, temos muitas vezes a cumplicidade ou negligência dos sindicatos dos trabalhadores da educação. É o caso da direção da APEOESP, do SEPE-RJ Central e de outras burocracias conciliadoras Brasil afora, que ignoram muitas necessidades de luta, sabotam a preparação de greves reais e fortes, aprovam greves ou campanhas de maneira burocrática e não mobilizam em nada a classe, impossibilitando transformar os trabalhadores numa força efetiva na sociedade. Frequentemente, essas direções sindicais se pautam mais por imperativos judiciais ou parlamentares, tudo para manter seus cargos e privilégios, portanto alheios aos reais problemas da categoria. Diante deste cenário brevemente exposto, defendemos como necessidade fundamental, a AUTO-ORGANIZAÇÃO da classe trabalhadora de conjunto, construção de chapas independentes para arrancar os sindicatos das burocracias e transformá-los em verdadeiros instrumentos de defesa dos trabalhadores, geridos diretamente pelos próprios. Nós, trabalhadores da educação e estudantes, não nos preocupamos apenas com a nossa condição individual na sociedade, mas sim com um compromisso coletivo, social.

Acreditamos que a luta pela educação é de interesse de toda a classe trabalhadora. Entendemos que somente uma nova estrutura social em bases socialistas, governada por conselhos democráticos dos trabalhadores, pode resolver a crise em que a educação se encontra atualmente. Isso significaria não apenas salários e condições dignas de trabalho aos educadores, e plenas condições acesso e a uma educação de qualidade aos estudantes, como também o controle da educação e sobre seus rumos pelos próprios trabalhadores.

Nós, o Coletivo Educação Socialista, defendemos

os seguintes princípios:

I – Que os sindicatos busquem organizar todos os trabalhadores da educação, o que inclui efetivos, temporários, terceirizados, etc. Efetivação sem barreiras dos temporários e terceirizados, em condições dignas similares às dos trabalhadores efetivos, pela empresa ou rede pública onde trabalhem.

II – Estatização total e absoluta da rede privada de ensino, sob controle dos trabalhadores, sem compensação no caso dos grandes capitalistas. Educação não deve ser mercadoria a ser explorada!

III – Política de realocação de trabalhadores desempregados, para lutar contra o desemprego e trazê-los para a luta. Os sindicatos devem se engajar em campanhas com a linha de: Mais emprego, menos tempo de trabalho, sem redução de salários.

IV – Ampliação das políticas de assistência estudantil nas escolas e universidades: mais bolsas de auxílio, moradias, restaurantes universitários, creches, etc. que contemplem todos os estudantes que necessitarem. Ampliação progressiva de vagas nas universidades rumo ao fim do filtro social do vestibular. Educação é direito de todos!

V – Uma cultura de militância combativa: contra o imobilismo burocrático e o legalismo que freia a organização. Estimular organizações por locais de trabalho, construir fundos de greve e piquetes para termos greves fortes; buscar trazer toda a categoria para a militância e para o sindicato.

VI – Por direitos democráticos aos trabalhadores e estudantes, nas escolas, universidades e sindicatos. Abaixo o projeto “Escola Sem Partido”; contra intimidações e assédios de reitorias e diretores de escola: eleição direta para direção escolar e reitoria universitária. Pelo direito de todas as correntes políticas da classe trabalhadora a atuar nos sindicatos!

VII – Enfrentamento a todas as formas de opressão: racismo, machismo, LGBTfobia, xenofobia, etc. Igualdade salarial entre homens e mulheres, e brancos e negros que executam uma mesma função com uma mesma carga horária! Combate a manifestações de preconceito de patrões e chefias! Participação ativa dos sindicatos nas lutas contra as opressões.

VIII – Que o “Ensino à Distância” (EAD) seja recurso emergencial, em casos estritamente necessários, nos quais devem ser dadas plenas condições de acesso aos educadores e estudantes (tablets, computadores, chips com acesso à internet). Contra a generalização do EAD, inferior em qualidade e que leva à precarização do ensino, das condições de aprendizagem e dos trabalhadores da educação!

IX – Nenhuma confiança em governos capitalistas, patrões ou na Justiça. Apenas a mobilização combativa dos trabalhadores e estudantes pode trazer conquistas duradouras. Realizar eventos de formação política dos trabalhadores da educação e estudantes sobre a necessidade de um governo da classe trabalhadora!

Se você tem acordo, venha se organizar e lutar com a gente!

ACOMPANHE OS BOLETINS EDUCAÇÃO SOCIALISTA NO FACEBOOK DO COLETIVO